

EDITORIAL

A Revista **Geographia Opportuno Tempore** é um periódico científico, com publicações semestrais redefinidas em 2021, disponível exclusivamente em ambiente digital, com objetivos de ser uma revista aberta, livre, democrática e plural. É mantida pelo Laboratório de Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito – GEOTMAC, desde 2014, e que a partir de 2020, incluiu o Laboratório de Pesquisas em Geografia Física – LAPEGE. Tanto a Revista, quanto os laboratórios fazem parte do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, e recebem contribuições de diversos cientistas de instituições externas que compõe o conselho consultivo e de diversas instituições. A Revista **Geographia Opportuno Tempore** tem como princípio a publicação de trabalhos de pesquisa inéditos na forma de artigos científicos relacionados, principalmente, as temáticas de investigação dos Laboratórios, ou seja: Geografia, Território, Meio Ambiente e Conflito, e Geografia Física, em todas as suas vertentes, bem como relatos de experiências geográficas, imagens do cotidiano envolvendo a Geografia, dentre outras possibilidades delineadas nas suas seções.

Neste volume, a revista segue trazendo artigos científicos a partir de estudos e pesquisas desenvolvidas sobretudo a realidade geográfica da Amazônia brasileira. Portanto, o primeiro artigo de **Maria Madalena Lemes Mendes** apresenta um diagnóstico sobre o papel do “GÊNERO E PRISÃO FEMININA: NARRATIVAS DAS MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE EM RONDÔNIA, RESULTADOS PARCIAIS DE UMA PESQUISA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR”, sendo um recorte dos resultados da dissertação de mestrado realizado no período de 2019-2020 pelo Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. O objetivo é apresentar as narrativas na íntegra das reeducandas (nome como são chamadas as mulheres que cumpre pena) que participaram da pesquisa já mencionada. Considerando que as mulheres vivem num processo de dominação por parte dos homens, essa realidade está sendo desconstruída através das tentativas de visibilizar o gênero feminino nos diversos contextos sociais e na pesquisa científica. Como método utilizou-se o fenomenológico a partir de Husserl (1986) e a metodologia que melhor se aplicou ao método foi a abordagem qualitativa. Como instrumentos

para evidenciar as narrativas neste artigo, apresentamos a observação participante e as entrevistas com base na história oral. A proposta de apresentar os relatos das mulheres privadas de liberdade é ressaltar a realidade contada pelas reeducandas que vivem e como sobrevivem na prisão.

Enquanto **Danúbia Zanutelli Soares** apresenta um estudo que envolve as “VOZES DA PRISÃO: EXPERIÊNCIAS E RELATOS DE ABUSADORES SEXUAIS NO INTERIOR DO SISTEMA CARCERÁRIO EM RONDÔNIA-BRASIL”, onde abusadores sexuais ao adentrarem no sistema carcerário, experimentam um território de medo, insegurança e violência, por parte de outros detentos que não toleram crimes de tal natureza. Diante disso, o presente estudo faz uma análise a partir das experiências de três agentes penitenciários e dois albergados condenados por crime de abuso sexual, com o objetivo de analisar a receptividade e o convívio dos abusadores sexuais no interior do sistema carcerário, bem como, compreender se existe alguma ligação entre a prática do crime e a vida dos aprisionados no decorrer de suas formações subjetivas. A pesquisa é de natureza qualitativa, com uso do método fenomenológico e das técnicas de entrevista e aplicação de questionário aberto. Concluímos que ambos os entrevistados negam a prática do crime, mesmo sendo condenado, fato este, alertado pelos agentes penitenciários em momento anterior a entrevista com os sujeitos. Descrevem o território do cárcere e suas experiências como parte de suas vidas que não desejam recordar. Relatam ter sofrido algum tipo de violência quando crianças, o que não justifica a reprodução dos atos aos quais foram condenados, mas não excluimos a hipótese de interferência na formação de suas subjetividades.

Em, “CONFLITOS CULTURAIS NO TERRITÓRIO CAMPONÊS: A LUTA POR EMPODERAMENTO FEMININO DA AMARI”, **Jéssica Ferreira Costa** propõe uma reflexão sobre o desnivelamento cultural entre agricultura convencional hegemônica e a alternativa de produção agroecológica, que busca por equidade de gênero e estabelece uma nova forma de produção de alimentos e comercialização, estabelecendo outra relação cultural das mulheres camponesas e protagonismo na produção no campo. O recorte espacial deste estudo é a Associação das mulheres agroecológicas do Setor Riachuelo - AMARI localizado no Distrito Nova Colina, município de Ji-Paraná em Rondônia. A organização AMARI é formada por nove mulheres que protagonizaram a idealização, formação e materialização da associação. Procurou-se mostrar os benefícios da Agroecologia para a agricultura familiar e para a economia local, sempre desejosa de

construir justiça social e sustentabilidade ao defender os recursos ambientais e por igualdade entre gênero. O termo sugere uma interação simultânea de preservação ambiental e de promoção socioeconômica das famílias agricultoras, a interação entre essas instâncias reconhece o lugar mulher e de seu trabalho na concepção e reprodução do sistema familiar agrícola. A partir da agroecologia, rompem visões hegemônica da produção convencional, e produzem novas formas de relação social entre homens e mulheres, posto que ao romperem a invisibilidade feminina na produção, alcançam novas consciências de empoderamento e autonomia da mulher camponesa, galgando assim visão decolonial no campesinato.

Ádria Fabíola Pinheiro de Sousa e Milena Sanche de Sousa apresentam estudo sobre “TERRITORIALIZAÇÃO DA LUTA E RESISTÊNCIA DE MULHERES DO TAPAJÓS”, tratando sobre a territorialização da luta e resistência de mulheres do Tapajós, Oeste do Pará, com foco em narrativas orais de mulheres camponesas da Associação de Trabalhadoras Rurais do Município de Belterra-Amabela, da cidade de Belterra e de mulheres de terreiro do Tambor de Mina, das cidades de Monte Alegre e Santarém. As narrativas orais são analisadas sob o escopo do conceito de território (Haesbaert, 2006), como categoria geográfica, bem como firmadas sob os conceitos de geografia e gênero (Nascimento Silva & Silva, 2011), Bem Biver (Acosta, 2016, Dillenburg, 2015, Quijano (2012), espaço vivido (Bollnow, 2008) e geografia das emoções (SILVA, 2016, 2018). A metodologia constrói-se com pesquisa de campo, narrativas orais e levantamento bibliográfico. A natureza da pesquisa é de abordagem qualitativa. O método abordado fundamenta-se na fenomenologia.

No que concerne ao ensino-aprendizagem de jovens e adultos em Rondônia, **Sheila Castro dos Santos, João Carlos Pereira Coqueiro e Antônio Izomar Madeiro Rodrigues**, apresentam a “REPRODUÇÃO, PERSPECTIVAS NACIONAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DIRECIONADA AO ENSINO-APRENDIZAGEM EM RONDÔNIA” fazendo uma breve contextualização da educação no país e propõem exemplificá-la em Rondônia, com algumas especificidades, desta unidade federativa tem sido conduzida pela gestão pública a diminuição do acesso a educação de jovens e adultos, com a retirada de escolas direcionadas a esta modalidade, Utilizou-se como procedimento metodológico para confecção deste trabalho a pesquisa qualitativa, com viés bibliográfico, com tipologia descritiva e explicativa, utilizando de

maneira crítica o método hermenêutico ricoeuriano, o qual explicita a tríade direcionada a compreensão textual, discursiva e analítica. A história da educação de adultos no Brasil possui especificidades em seus meandros, as transformações no território conduziram os gestores a forjarem alguns planos educacionais que foram implementados sem efetividade, sendo incapazes de plena execução, com parcas políticas saneadoras, conduzindo as pessoas com menor poder econômico a continuarem sendo as mais afetadas pela má gestão das políticas educacional. Nesse sentido, debater esses processos se tornou imperativo, para compreensão e análise da situação atual da EJA, entendendo que o Estado brasileiro, representado nas suas devidas esferas (federal, estadual e municipal) deve possuir compromisso com o ensino e a educação de sua gente, para que esta atue como cidadã, entendedora e mantenedora de consciência voltada ao direito à educação para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Acredita-se que somente com uma consciência voltada para transformações nas bases da educação é que haverá mudanças factuais no cotidiano da maior parte da sociedade.

Na sequência, **Maria Liziane Souza Silva** e **Paulo Cesar Barros Pereira** apresentam o artigo “PROFESSORA DA FLORESTA: RELATOS DOS DESAFIOS VIVIDO POR UMA DOCENTE NOS CONFINS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA”; trazendo os relatos das experiências vividas por uma professora do município de Mâncio Lima, no estado do Acre, durante os primeiros anos de sua carreira docente, ainda na década de 1970. As dificuldades e os inúmeros desafios enfrentados naquela região de difícil acesso não a fez desistir de seu principal ofício, à docência. A Sra. Maria de Lourdes demonstra de forma alegre e positiva tudo o que passou e revela que na verdade todo processo vivido foi muito proveitosos porque fazia com amor. Ela teve que ser forte em muitos momentos pois não havia os recursos e instrumentos básicos para o ensino em sala de aula foram dias difíceis e pesar de todos os desafios enfrentados ela nunca olhou pela perspectiva negativa, mas sempre com satisfação em ser professora, em realizar o propósito da docência, isso foi sempre o que a moveu. Para este artigo adotamos o método fenomenológico que privilegia a empatia, as percepções, as subjetividades, as emoções e as afetividades dos sujeitos pesquisados. Como técnica adotamos como principal a fonte oral pois tem se mostrado através dos séculos como a maior fonte humana de conservação e difusão do saber.

No que concerne aos sistemas agroflorestais, **Leticia de Azevedo Passos** traz a contribuição “O PROCESSO DE DESLOCAMENTO COMO SIMILITUDE DE DIÁSPORA E A APRESENTAÇÃO DE TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS GEOGRÁFICOS A PARTIR DO CONTO A FONTE DAS TRÊS COMADRES”, analisando o processo de deslocamento como similitude de diáspora e a apresentação de territórios identitários geográficos a partir do conto A fonte das três comadres. O objetivo é fazer uma amostra das representações diaspóricas encontradas no decorrer da narrativa que tem como cenário, o universo infantil, bem como, mostrar as diferenças existentes, segundo a Geografia, na configuração de espaço e território. Para isso, analisamos a atuação dos personagens do conto, que se dispersavam e entravam em processos de territorialização e desterritorialização. Porém, o foco maior está no filho mais novo do Rei. A conclusão de todo esse estudo mostrou que a diáspora, espaço e território são vertentes ligadas, dado ao fato de um fenômeno ser usado para especificar o outro. Este trabalho consiste em um estudo bibliográfico de cunho qualitativo e as definições teóricas estão atreladas aos estudos de: BONNICI (2003, 2004, 2005); COHEN (1997); COELHO (1993); FELDMAN (2009); FRAGA (2007); HALL (2003); SANTOS (1978). Entre outros, a estrutura deste consiste em introdução, materiais e métodos, referencial teórico, resultados e discussões, considerações finais e referências. Assim, após o endossamento teórico estudado o conto foi lido e dele extraído fragmentos para comprovarmos as veridades aqui apresentadas.

Enquanto, **Agna Maria Souza Coelho**, apresenta o artigo “A CULTURA DO POVO E SUAS CONSTRUÇÕES ATRAVÉS DO TEMPO: O PANÓPTICO EDUCACIONAL NA ALDEIA”, onde discute as questões educacionais na Terra Indígena Igarapé Laje, localizada no seu interior, na cidade de Guajará Mirim, Estado de Rondônia, fronteira Brasil/Bolívia, foi contemplada com a implantação da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Wem Kanum Oro Waram. Os Wari’ habitam neste território e a escola é o espaço geográfico em análise. Neste espaço, os saberes, os conhecimentos indígenas sobre o universo não indígenas estão cada vez mais fragilizados. A escola diferenciada, as metodologias próprias de aprendizagem, o material didático específico, a estrutura física e pedagógica, são elementos que estão ligados ao processo de ensino e aprendizagem desenvolvidos através da atuação do professor indígena, e são considerados fatores: histórico, cultural e geográfico. A disciplina Cultura do Povo é a matriz curricular,

implantada do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II, e foi analisada para conhecer a efetivação da política pública educacional. A metodologia de nosso trabalho consiste na observação participante, análise documental disponível na escola e em websites, para confrontar a produção deste espaço, com o Plano Estadual de Educação para conhecer o empenho do Governo do Estado.

Marta Pereira Alexandria brinda essa edição com as “GEOGRAFIA DAS EMOÇÕES E A PRÁTICA DO TURISMO”, considerando que, embora a Geografia seja uma ciência que desenvolve seus estudos sobre a parte física do espaço e a relação antrópica praticada neste espaço. O meio e o homem, são objetos de estudos tanto da área física como da humana dentro da geografia. Neste sentido, optou-se por desenvolver este trabalho com o objetivo de apresentar uma discussão teórica sobre a geografia das emoções e sua relação com o turismo e a própria geografia do turismo, observando como podemos interligar as emoções que o turismo proporciona através de um olhar geográfico, já que o turismo é um sistema de serviços com finalidade única e exclusiva de planejamento, promoção e excursão de viagem, onde as pessoas veem o turismo como uma necessidade vital para a qualidade de vida. (SANTOS, 2010). Dialogar com as emoções e os espaços geográficos vividos pela prática do turismo e os diversos sentimentos e emoções que as pessoas vivenciaram ou vivem, é um meio de entender como cada lugar visitado transcende de forma diferente em cada pessoa transformando o olhar a partir da experiência vivida. A metodologia utilizada se deu através de pesquisas bibliográficas, relato de viajantes, e experiência profissional da autora na área do turismo, especificamente com receptivo turístico.

Nesse momento histórico-geográfico quando a pandemia do novo Coronavírus se alastra pelo território brasileiro, eliminando milhares de vidas, **Billyshelby Fequis dos Santos** traz uma breve análise sobre o “ISOLAMENTO SOCIAL E OS POVOS INDÍGENAS: PRÁTICAS TRADICIONAIS DO POVO HUNI KUI COMO ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO DURANTE A PANDEMIA”, na seção de **Relatos e Experiências**, demonstrando que é melhor se resguardar, porque nós somos invisíveis diante do Estado Brasileiro”: práticas tradicionais Sateré-Mawé como estratégia de proteção” de Josias Ferreira de Souza e Ana Lécia de Fiori, que tiveram como base esse artigo. Em conversa com o professor e liderança Jocemir Kaxinawa, da Terra Indígena Kaxinawa do Rio Humaitá, observou a eficaz e importante prática dos povos

indígenas, na estratégia de proteção comunitária durante a pandemia. O professor indígena Jocemir Kaxinawa nos ensina como o povo Huni Kui, realiza suas práticas tradicionais de isolamento considerando a saúde e a cultura tradicional. O artigo tem como objetivo repassar e elencar práticas tradicionais do povo Huni Kui do Acre nesse momento de pandemia e isolamento social que o Brasil e no mundo vivem. E como essas estratégias, pode ensinar os não indígenas a como se proteger do coronavírus e outras pandemias.

Na seção **Olhares e paisagens sentidas no geográfico**, Nilson Cesar Fraga apresenta uma imagem intitulada “FRONTEIRAS NAS ÁGUAS DA GRANDE HILEIA, EM GUAYARAMERÍN, BOLÍVIA”, onde nas fronteiras das águas da Grande Hileia, se encontra Guayaramerín, uma cidade no departamento do Beni, na Bolívia, que possui um porto situado na margem esquerda do rio Mamoré, em frente à cidade rondoniense de Guajará-Mirim, no Brasil. A imagem dos barcos aportados foi capturada em 2017, em trabalho de campo realizado na região da fronteira, com professores dos cursos de Geografia da Universidade Federal de Rondônia e da Universidade Estadual de Londrina, cujos objetivos buscam analisar as culturas tradicionais fronteiriças entre o Brasil e os países da pan-Amazônia.

A Revista **Geographía Opportuno Tempore** cumpre seu papel de socializar conhecimentos produzidos pela própria diversidade geográfica brasileira com destaque para a Amazônia, neste volume 7 a Revista mantém seu papel divulgador de Geografias livres e leves e de profundas análises distantes da burocracia reinante no meio formal, contribuindo para a divulgação e difusão de geografias fora do eixo hegemônico nacional, tornando-se centro de geografias que explicam a vastidão socioterritorial nacional, por meio de geografias impregnadas de realidades vividas e sentidas nos mais profundos rincões do país.

Desta forma, desejamos uma boa leitura das contribuições trazidas nesta edição da Revista **Geographía Opportuno Tempore** que mantém seu fluxo contínuo.

Londrina, PR, final do segundo ano da pandemia da doença causada pela infecção com o coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), dezembro de 2021.

Nilson Cesar Fraga
Editor